



MULHERES & RESISTÊNCIA AGROECOLÓGICA

Ligória Felipe dos Santos

cartilha produzida pelas alunas e pelos alunos do Infes/UFF

Esta cartilha foi criada para a disciplina de **Tópicos Especiais de Filosofia I (2019.1): Mulheres e Agroecologia** do curso de Educação do Campo do Instituto do Noroeste Fluminense de Educação Superior - Universidade Federal Fluminense.

aluna

- Marcela Pereira Mendes Rodrigues

coordenador

- Fabio A. G. Oliveira

bibliografia

Articulação Semiárido Brasileiro - disponível em :
<http://www.asabrazil.org.br/26-noticias/ultimas-noticias/10097-mulheres-e-agroecologia-a-luta-e-to-do-dia> - acesso em: 01/06/2019

SILIPRANDI, Emma. Mulheres e agroecologia: transformando o campo, as florestas e as pessoas. Editora UFRJ, 2015.

Brasil de Fato - Milhares de Agricultoras da PB marcham contra o machismo e em defesa da agroecologia - disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2018/03/09/milhares-de-agricultoras-da-pb-marcham-contra-o-machismo-e-em-defesa-da-agroecologia/> - acesso em: 01/06/19

arte: Denis Duarte

2019

Ligória Felipe dos Santos nasceu e cresceu em uma comunidade rural, no município de Esperança, na Paraíba. Com uma família grande, Ligória era a única responsável pelos cuidados da casa e de seus seis irmãos. Assim, desde muito nova conheceu a divisão sexual do trabalho. Além disso, logo conheceu as injustiças provocadas pelo latifúndio, quando sua família foi expulsa das terras onde morava e trabalhava e foi obrigada a tentar a vida na cidade.

Já casada e com filhos crescidos, Ligória conheceu o Sindicato dos Trabalhadores Rurais e o Polo da Borborema, uma articulação de sindicatos e organizações da agricultura familiar de 14 municípios da Borborema, no estado da Paraíba. Logo iniciou sua participação em intercâmbios e troca de experiências com outras mulheres agricultoras, o que lhe permitiu um rompimento com as barreiras culturais que a prendiam em casa.

À medida que fora obtendo êxito com seu sistema de agricultura, Ligória passou a participar da feira agroecológica de sua cidade, gerando assim, soberania alimentar e bem-estar para a sua família. Portanto, logo que “reassumiu o domínio do quintal, foi conseguindo tomar iniciativas na produção de alimentos e na economia com êxito, foi conquistando mais poder nas esferas pública e privada.”



Marcha pela vida das Mães



III
Eusio
fest



Mulheres e pela Agroecologia

Ligória também começou a participar do movimento da **Marcha Pela Vida das Mulheres e pela Agroecologia**. Esse movimento denuncia a violência doméstica que sofrem as **mulheres do campo** e todas as desigualdades de gênero presentes no campo.

Discutir o feminismo no movimento agroecológico possibilitou a essas mulheres questionar e denunciar, não somente o capitalismo, mas também o patriarcado, que exploraram seus corpos, seu trabalho e seus territórios.

Em uma dessas marchas, mais especificamente no ano de 2018, foi trabalhado o tema da onda conservadora no país e como a mesma recai sobre as **mulheres e os LGBTIs**. Ligória se emocionou com umas das encenações apresentadas, pois além da **violência e opressão** contra ela, também compartilhava do sofrimento de seu filho, que foi obrigado a deixar sua casa por desentendimentos com o pai por ser homossexual.

A trajetória de
superação de Ligória
não é única no
semiárido, ela se
repete em milhares de
famílias. Ainda está
longe de ser o ideal,
Ligória bem sabe
disso, mas o mais
importante é que ela
e o movimento das
agricultoras estão
conseguindo marcar
um lugar na luta pela
vida das mulheres e
pela Agroecologia.





LEA

Laboratório de Ética Ambiental e Animal

